

RÉQUIEM AO “CONDE ALECRIM”

Por “Conde Alecrim ‘Sobrinho’”

Estou á procura d’uma prosa amiga
d’uma mente iluminada, andar silente,
d’um pensador apaixonado pela vida,
de realza do mais humilde cocheiro
embriagando-se de filosofia e história,
sorvendo a literatura em grandes goles
com se soubesse que não haveria tempo
para abandonar-se em míseros segredos.

Estou à procura de um choro de flauta,
como um candelabro num salão vazio,
esperando pela festa que não começou.

Choro a perda amiga de Conde Alecrim,
daquelas mãos que não chegaram a dar
todos os adeuses a que tinham direito.

Estou à procura d’um outro réquiem
que possa não ser assim tão tristonho:
quero que tenha alguns guisos e risos,
quero que seja quase um ode à alegria,
sobrepondo-se à dor, ao pranto e câncer.

Estou à procura d’uma elegia,
além de mera solidão ou ilusão

onde se desenham compassos,
passos, abraços, preces, silêncio,
onde se possa apenas tecer o nada
sem se apagar esta flama ardente.

Estou à procura d’uma harmonia
que além desta minha pobre vida
mova estrelas, corações e mentes,
para que eu possa compreender
o encantamento dessa ausência
qu’inda me sugere muita presença.

(Dedicado à memória de José de Alencar de Ávila Carvalho. Um ano de muitas saudades...)

Jornal Tribuna Sanjoanense

(São João del-Rei - MG, edição de 27 de fevereiro de 2001, pág.3)